

INTERVENÇÃO PROFERIDA POR OCASIÃO DA SESSÃO DE
LANÇAMENTO DAS CELEBRAÇÕES DO 50.º ANIVERSÁRIO DA
INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Adão Francisco Correia de Almeida

*(Ministro de Estado e Chefe da Casa Civil do Presidente da República e Coordenador da
Comissão Interministerial para a Organização das Acções Comemorativas Alusivas ao
50.º Aniversário da Independência Nacional)*

Parque da Independência - Luanda

29 de Novembro de 2024

Caros Nacionalistas aqui presentes

Venerandos Juizes Conselheiros Presidentes dos Tribunais Superiores

Digno Procurador-Geral da República

Caros Ministros de Estado

Distintos Deputados à Assembleia Nacional

Ilustres Membros do Conselho da República

Prezados Ministros

Ilustres Governadores Provinciais

Dignos Representantes dos Partidos Políticos

Distintos Membros do Corpo Diplomático

Prezados Membros dos Órgãos de Defesa e Segurança

Respeitadas Entidades Religiosas e Autoridades Tradicionais

Caros Convidados

Minhas senhoras e meus senhores

Muito próximo do local em que nos encontramos, teve lugar, na madrugada de 11 de Novembro de 1975, o mais importante acontecimento da nossa história colectiva. A escassos metros deste local, alto e bom som, na voz do saudoso Presidente António Agostinho Neto, foi proclamada, perante África e o Mundo, a Independência de Angola.

Fez-se luz em plena madrugada, ouviu-se a voz de alegria de todo um povo, renasceu a nossa esperança e foi reconquistada a nossa dignidade. A partir daquela madrugada, deixámos de ser indígenas, assimilados ou outra caracterização qualquer e passamos a ser cidadãos. Ganhámos soberania, entoámos hino e hasteámos a bandeira. Passámos a ser nós mesmos.

Contudo, aquele momento de luz foi antecedido de uma longa jornada de lutas, de muito suor e, infelizmente, também de luto e de lágrimas. O percurso até à dignidade foi difícil e custou o sangue e a vida de muitos filhos da nossa terra. No discurso proclamador, o Presidente Agostinho Neto disse “a bandeira que hoje flutua é o símbolo da libertação, fruto do sangue, do ardor e das lágrimas, e do abnegado amor do Povo Angolano”.

É traço marcante da nossa jornada nunca termos resignado, nunca termos desistido. Aliás, a força e a nobreza dos nossos ideais tornaram impossível qualquer renúncia. Ao longo de cerca de cinco séculos de ocupação colonial, estiveram sempre vincados exemplos de bravura e de resistência dos nossos antepassados, que transformaram o sonho de liberdade em luta diária. Ngola Kiluanji, Nginga Mbandi, Ekuikui, Mandume, Mutu Ya Kvela e muitos outros, abriram o caminho e deixaram como legado os seus sonhos por uma terra livre da dominação e da opressão dos seus povos.

A conquista da Independência era uma questão existencial para o povo angolano. Era, por isso, um fim. Mas era também um meio para se alcançar outro fim: a construção de uma sociedade de paz, justiça, progresso social e prosperidade. Sem a Independência era impossível sonhar com uma Angola próspera.

O percurso percorrido da proclamação da Independência Nacional aos nossos dias não foi linear. Tivemos de enfrentar vários desafios, tanto no plano interno, quanto no plano internacional.

Os primeiros 27 anos do período pós-Independência foram marcados por um conflito fratricida, com componentes de invasão por exércitos estrangeiros, que dizimou a vida de milhões de angolanos, destruiu o País, mutilou a economia, exacerbou os problemas sociais e adiou o nosso sonho de construir uma sociedade próspera para todos.

Contudo, a bravura, a determinação, o patriotismo e, sobretudo, o espírito de perdão fizeram com que a guerra desse lugar à paz definitiva e com que a desavença cedesse espaço à reconciliação. Num processo sabiamente conduzido pelo Presidente José Eduardo dos Santos, os angolanos deixaram de ter dúvidas de que conversar é melhor do que guerrear, estabilidade é melhor do que instabilidade e

de que juntos, apesar das diferenças, somos mais fortes e temos melhores condições para realizar o nosso sonho colectivo. Hoje, a política é feita nas instituições, pela força dos argumentos e não nos campos de batalha. A guerra deixou de ser um meio de continuação da política. Estamos em Paz!

Conseguimos sempre manter, mesmo nos momentos mais difíceis, os mais altos valores da nossa pátria. O solo angolano continua uno e indivisível. A unidade nacional é um valor de que não abdicamos. Somos um só povo e uma só nação!

O fim do conflito armado reacendeu a nossa esperança em relação ao nosso projecto de nação.

Reconstruímos e construímos estradas e pontes, portos e aeroportos, caminhos de ferro e centralidades. Reconstruímos e construímos escolas, universidades e hospitais. Reconstruímos e construímos barragens hidroeléctricas, milhares de quilómetros de linhas de transportes de energia e vários sistemas de captação e distribuição de água.

De 1975 para cá, inúmeras são as transformações ocorridas no nosso País em todos os domínios da vida. A população aumentou de cerca de 6,5 milhões para cerca de 35 milhões. A taxa de alfabetização cresceu de cerca de 5% para cerca de 76%. Graças ao empenho e ao trabalho abnegado de milhões de filhos da nossa terra ao longo dessas cinco décadas de Estado independente, temos sabido encarar os desafios, reconhecer os nossos erros e nunca desistir de acreditar e de trabalhar para a construção de um futuro melhor para todos.

Excelências

Distintos convidados

Minhas senhoras e meus senhores

Com os verbos conjugados no plural, numa clara mensagem de que o “nós” deve prevalecer sobre o “eu”, o nosso Hino Nacional impele-nos a honrar o passado e a nossa história e a construir no trabalho o homem novo. É o que se pretende fazer ao longo desta jornada de celebração dos 50 anos da nossa Independência que decorrerá sob o lema “Preservar e valorizar as conquistas alcançadas, construindo um futuro melhor”.

Esta é, pois, uma jornada de reconhecimento do nosso passado e da nossa história e de exaltação dos exemplos de bravura e de dedicação à Pátria de muitos filhos desta Angola, alguns deles aqui presentes, a quem saudamos vivamente e renovamos a nossa gratidão colectiva a toda uma geração de nacionalistas que soube compreender os anseios do seu povo e estar à altura dos desafios do seu tempo. É mais do que justa, por isso, a homenagem que o País, através de Sua Excelência o Presidente da República, enquanto Chefe de Estado, se prepara para fazer aos muitos heróis da nossa terra que, de modo distinto, emprestaram o seu contributo abnegado para a conquista da nossa Independência, para a sua preservação, para a salvaguarda da integridade territorial, para a conquista da paz e da reconciliação nacional e para o desenvolvimento de Angola, cuja proposta de Lei que cria a Medalha Comemorativa dos 50 Anos da Independência Nacional foi ontem apreciada em Conselho de Ministros para posterior discussão e aprovação pela Assembleia Nacional.

Esta é uma jornada de festa, de celebração do nosso passado glorioso. Mas é também uma jornada de reflexão sobre o passado, sobre o presente e sobre o futuro que queremos nos próximos 50 anos.

O que temos de fazer para que a prosperidade colectiva com que sonhamos seja cada vez mais uma realidade ao alcance de todos? Angola convoca-nos para esta reflexão. Uma reflexão que se espera transversal a todos os domínios e envolvendo o máximo possível de cidadãos. Da saúde à educação, para reflectirmos sobre como

podemos ter mais serviços e de melhor qualidade. Da economia à produção nacional, para discutirmos sobre a sua diversificação, a sua sustentabilidade e sobre como alcançar a segurança alimentar. Das infra-estruturas à exploração dos recursos naturais, para assegurarmos uma cada vez maior disponibilidade de energia, de água, de telecomunicações, de estradas, de portos, de aeroportos e de caminhos de ferro e a sustentável exploração dos recursos para que estejam ao serviço do crescimento económico. Da defesa nacional à segurança pública, para que estejamos sempre em condições de assegurar a defesa da integridade territorial e a paz e tenhamos uma sociedade em que cada um se sinta cada vez mais seguro. Enfim, reflexão sobre as nossas instituições, para que estejam cada vez mais próximas dos cidadãos, sejam cada vez mais credíveis e estejam em condições de prestar serviços de excelência.

Para esta jornada de celebração e de reflexão somos todos chamados, para demonstrarmos que juntos “Somos Angola”. Nas comunidades, nos bairros, nas aldeias, nas igrejas, nas instituições públicas, na diáspora, nas empresas, enfim, em cada canto onde exista um angolano. Mais do que actividades políticas, é nosso desejo que estas celebrações sejam uma verdadeira jornada de cidadania, com forte participação cidadã e da sociedade civil.

Esta é uma jornada que devemos fazer com orgulho patriótico, com orgulho da nossa história e com foco no futuro que estamos a construir com o trabalho abnegado de cada angolano. Esta é uma jornada que devemos fazer juntos, celebrando os 50 anos atrás de nós, mas também a ambição de todo um povo que sabe que tem pela frente um futuro a construir com a participação de todos.

Esta é também uma jornada para nos assegurarmos de que ouvimos a mensagem das gerações anteriores que nos dizem para não desistir e compreendemos a mensagem das gerações futuras que nos dizem que contam connosco para lhes entregar uma Angola melhor.

Eis o que celebramos: 50 anos de Independência Nacional, de unidade, de patriotismo.

Eis o que celebramos: a paz e a reconciliação nacional.

Eis o que celebramos: a vontade e a determinação de um povo que constrói todos os dias a Angola que queremos.

Eis o que celebramos: um País que sabe que ainda não fez tudo, mas se orgulha do muito que já fez.

Como apelou Sua Excelência João Manuel Gonçalves Lourenço, Presidente da República de Angola, na Mensagem sobre o Estado da Nação de 2024, “ façamos de 2025 um ano de profunda reflexão, de homenagem aos nossos heróis, de exaltação da nossa história comum e do nosso amor à Pátria. Celebremos com júbilo o 11 de Novembro”.

Viva a Independência Nacional.

Viva Angola.

Muito obrigado.